

# Arranjos produtivos locais e suas influências no desenvolvimento da economia regional

## Fabiano Palhares Galão

Doutorando em Administração - FEA/USP  
Mestre em Administração - UEL  
Professor da Unopar  
fabiano.galao@unopar.br

## Cláudio Luiz Chiusoli

Doutor em Administração - FEA/USP  
Dr. Sc. em Administração USP, Professor dos cursos de Administração, Propaganda e Marketing da UNOPAR – Londrina – PR  
claudio.chiusoli@unopar.br

## Demeure Adolfo Menezes Pessoa

Mestre em Administração - UEL  
Professor de Marketing do CESUR – Centro de Ensino Superior de Rondonópolis – MT  
Mato Grosso – MT [Brasil]  
demeurepessoa@hotmail.com

## José Carlos Rogel

Mestre em Administração - UNOPAR  
Coordenador do Curso de Administração – UNOPAR  
Londrina – PR [Brasil]  
jose.rogel@unopar.br

## Vandré Alex da Silva

Mestre em Administração - UEL  
Coordenador do Curso de Propaganda e Marketing da UNOPAR  
Londrina – PR [Brasil]  
vandreas@ig.com.br

Neste artigo, demonstra-se o papel dos *clusters* no desenvolvimento econômico regional mediante a cooperação dos atores na cadeia produtiva. Para isso, utilizou-se a metodologia de revisão bibliográfica descritivo-exploratória para a realização deste trabalho. Este artigo apresentou como resultado a constatação da formação de aglomerados de empresas em diversas regiões, sejam elas do mesmo ramo ou fornecedoras das já existentes, como caminho alternativo na busca da vantagem competitiva que pode ser percebida ainda como uma nova tendência econômica no Brasil e em outras regiões do globo, o que faz com que as empresas adotem uma postura diferenciada diante dos novos desafios que, por sua vez, é geradora de uma nova geografia econômica de desenvolvimento, pois, a partir do momento em que ocorre essa coesão corporativa, cujo propósito é a busca da vantagem competitiva, baixam-se custos de produção, fomentam-se as exportações e permitem-se inovações tecnológicas.

**Palavras-chave:** Arranjo produtivo local.  
*Cluster*. Desenvolvimento econômico.

## 1 Introdução

O desenvolvimento econômico nunca esteve tão em evidência como hoje, principalmente em relação a seus aspectos geográficos. Com a globalização, o fator localidade passou para segundo plano na escala de importância dos estudos econômicos; entretanto, essa preocupação começa, aos poucos, a ocupar novamente espaço tanto no meio acadêmico quanto no não-acadêmico da economia, sobretudo quando o assunto abordado são os *clusters* ou arranjos produtivos.

A busca por vantagens competitivas, tais como diminuição dos custos de produção e de transação e domínio de mercado, e, principalmente, pela inovação fomenta, cada vez mais, o sucesso dos aglomerados empresariais existentes e, ao mesmo tempo, estimula o surgimento de outros.

Mesmo que as empresas inculcadas em um *cluster* se comportem, ora como parceiras, ora como concorrentes, as vantagens emergentes desse fenômeno são efetivas, pois promovem a economia regional, tanto pelas empresas que professam a mesma linha produtiva quanto por aquelas que desenvolvem o papel de fornecimento de insumos.

No Brasil, o termo *cluster* recebeu denominação própria, utilizando-se os termos “arranjos produtivos locais (APLs)”, que, com efeito, estão recebendo atenção especial das entidades governamentais, pois são considerados fatores indispensáveis à alavancagem econômica da localidade na qual estão albergados.

## 2 Problema de pesquisa e objetivos e metodologia

Neste artigo, identifica-se o seguinte problema de pesquisa: quais são as influências dos arranjos produtivos locais no desenvolvimento da economia regional?

Além disso, este artigo tem-se como objetivo geral identificar as principais contribuições dos arranjos produtivos locais no desenvolvimento da economia regional. Em relação aos objetivos específicos, são assim delineados: a) realizar um

breve estudo sobre geografia econômica e desenvolvimento regional; b) abordar sucintamente os aglomerados e suas terminologias, e c) efetuar uma correlação entre a existência dos arranjos produtivos locais e o desenvolvimento da economia regional.

No que se refere à metodologia, este artigo se constituiu, essencialmente, numa pesquisa bibliográfica e documental, focada na literatura que versa sobre arranjos produtivos locais e economia regional.

A pesquisa bibliográfica realizada foi do tipo descritivo-exploratória, pois se pretende descrever e compreender o fenômeno estudado que, no caso, são as influências dos arranjos produtivos locais no desenvolvimento da economia regional. Para Triviños (1987), “[...] os estudos descritivos pretendem descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade”. Além disso, para o mesmo autor, “[...] os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”.

## 3 Revisão da literatura e análise dos resultados: o desenvolvimento regional e a geografia econômica

Para que haja melhor compreensão da lógica do papel dos *clusters* no desenvolvimento da economia regional, faz-se necessário realizar um estudo, ainda que breve, sobre desenvolvimento regional e geografia econômica. Dessa maneira, ao delimitar o conceito de região, Richardson (1975) leva em consideração os elementos do que se constituem uma região e como uma economia nacional pode ser subdividida em um sistema de regiões, um pré-requisito essencial para a análise dos fenômenos econômicos regionais. A análise da economia regional pode apresentar ambigüidades, pois, ao estudar-se uma parte reduzida do território, deve-se considerar os problemas e limitações que poderão ocorrer.

Qualquer massa considerável de terra pode ser organizada em um sistema hierárquico de regiões de diferentes tamanhos, em que cada região de determinada ordem pode englobar certo

número de regiões menores, de ordem imediatamente inferior. Pode-se dividir um país em porções territoriais menores, as unidades federativas, em regiões com cidades-pólo, regiões metropolitanas, entre outras. Há três abordagens principais que consistem em regiões uniformes ou homogêneas, nodais e de programação e planejamento.

A concepção da região uniforme ou como área natural homogênea se baseia na idéia de que unidades espaciais separadas podem ser reunidas porque mostram determinadas estruturas de produção semelhantes, padrões homogêneos de consumo e distribuição similar de força de trabalho, podendo refletir fatores geográficos como a onisciência de certos recursos naturais predominantes ou topografia e clima semelhantes.

A definição de regiões homogêneas é a similaridade de níveis por renda *per capita*. Esse critério pode ser valioso se aplicado dinamicamente, acentuando a interdependência entre as medidas individuais no processo de desenvolvimento. De acordo com esse critério, uma região se desenvolve e declina como uma entidade, o que nem sempre ocasiona modificações na sua renda total, mas se estabelece como resultado da influência de diversos fatores, às vezes desequilibradores, sobre as atividades individuais localizadas em determinados pontos concretos na região.

Na região nodal, enfatiza-se a interdependência dos diferentes componentes da região e não nas relações inter-regionais entre regiões homogêneas, conforme salienta Richardson (1975). Como os laços funcionais entre as unidades espaciais são limitados pelo espaço, as regiões nodais geralmente levam em conta, explicitamente, o fator distância revelado. As conexões funcionais são claramente visíveis nos fenômenos dos fluxos – de população, bens e serviços, comunicações e tráfego. A região metropolitana é um tipo de região nodal, ao apresentar um ou mais centros de controle caracterizados por uma área urbana densamente povoada.

Uma terceira conceituação de região consiste na região de planejamento ou de programação, que pode ser definida em termos de coerência e unidade no que se refere ao processo de tomada de decisão.

Para Clemente (1994), um dos indicadores mais utilizados para representar o nível de desenvolvimento de uma região ou país é a renda *per capita*; entretanto, esse procedimento pode apresentar algumas deficiências, principalmente quando não são atrelados a outros indicadores, como o da distribuição de renda.

Uma análise abrangente do desenvolvimento requer que se considerem os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais. Os fatores econômicos e sociais são costumeiramente considerados em conjunto, em razão da grande dificuldade de separá-los de forma satisfatória, e podem ser analisados como representantes do nível de vida da população.

Segundo Clemente (1994), a Teoria do Crescimento Regional explica o crescimento, tendo como base a exportação de um produto de elevada cotação no comércio inter-regional ou internacional, o denominado *staple product* ou *staple export*. Fatores como solo, clima, jazidas minerais e recursos florestais permitem a exportação altamente rentável de um *staple*, com a criação de renda e demanda na região.

O desenvolvimento de uma região pode estimular o das regiões vizinhas. Ao atingir certo nível, uma região começaria a experimentar pressão crescente sobre a oferta interna de matérias-primas, tornando necessário importá-las das regiões vizinhas. Como resultado, capital e recursos humanos qualificados migrariam para essas regiões, o que lhes proporcionariam o impulso inicial para também se desenvolverem. Dessa forma, haveria uma difusão do desenvolvimento a partir da região mais desenvolvida.

## 4 Os aglomerados corporativos

Quanto ao uso da terminologia “*cluster*”, podem ser observadas diversas utilizações, tais como aglomerado e arranjo produtivo. Mais importante do que isso é que o *cluster* ou qualquer outra sinonímia utilizada, significa, sim, uma cadeia de união existente entre empresas de uma determinada localidade ou região, cujo propósito é obter alguma vantagem competitiva em relação ao seu mercado. Segundo Porter (1998,

p.211), “Um aglomerado é um agrupamento geograficamente concentrado de empresas inter-relacionadas e instituições correlatas numa determinada área, vinculadas por elementos comuns e complementares”.

Um aglomerado pode envolver empresas tanto de pequeno quanto de grande porte, tanto de alto quanto de baixo valor tecnológico. Quanto mais alto o nível tecnológico e o valor do investimento feito, maior a proporção de desenvolvimento da localidade em que o aglomerado está inserido.

Muitas vezes, tal fenômeno se inicia com uma grande empresa instalada isoladamente que, com seu considerável poder de barganha com seus fornecedores, acaba por delinear uma nova geografia econômica da região onde se instalou, trazendo para perto de si seus provedores. Com isso, empresas de menor porte que se utilizam dos mesmos insumos se vêem estrategicamente “obrigadas” a se instalar próximas a esses fornecedores, tornando-se, assim uma reação em cadeia (PORTER, 1998). Entretanto, outros fatores podem estar envolvidos, como a implementação de um negócio promissor realizado por um empreendedor de sucesso, cujo produto é imitado por um outro empreendedor da mesma localidade. Os empreendimentos logram êxito e outros empreendedores se arriscam e, vitoriosamente, conseguem conquistar seu espaço também com resultado feliz, o que faz com que o fenômeno da aglomeração comece a tomar forma. Contudo, à luz dos ensinamentos de Porter (1998, p.224), “[...] também é preciso que a competição evolua da imitação para a inovação e de baixos investimentos para altos investimentos, não apenas em ativos físicos, mas também em intangíveis, como habilidades e tecnologia”. O acesso barato e fácil aos insumos, pode contribuir também para o sucesso do aparecimento de um aglomerado produtivo. Enfim, como já ressaltado, vários são os fatores que contribuem para o surgimento de um *cluster*.

Para Meyer-Stamer (2001), existem fatores de localização objetivos e subjetivos que colaboram para a existência de um aglomerado. No pólo objetivo, encontram-se posição geográfica em relação aos mercados de compra e venda, ligação

com a rede de transportes (rodovias, ferrovias, portos, aeroportos), oferta de mão-de-obra (qualificada e adequada, nível salarial), disponibilidade de terrenos, custos com energia e meio ambiente, encargos municipais e vantagens financeiras oferecidas pela cidade ou estado (incentivos fiscais, subvenções etc.). No pólo subjetivo, destacam-se os seguintes aspectos: ambiente econômico da cidade e da região correspondente; imagem da cidade/região; contatos setoriais; universidades; instituições de pesquisa e tecnologia; perfil inovador da região; desempenho de associações comerciais e industriais; qualidade residencial de seu entorno, do meio ambiente, das escolas e de outras instituições de formação, da infra-estrutura e da diversidade do lazer.

No entanto, a temática mais emergente de que como se pode formar um *cluster* é qual o respaldo que esse aglomerado possui em relação às mais importantes instituições imprescindivelmente conexas a ele, tais como governo, universidades e outras instituições, pois o incentivo desses atores para a promoção de um *cluster* é de extrema importância, haja vista que o governo auxilia com a disponibilidade de infra-estrutura e com incentivos fiscais, as universidades contribuem com o processo de inovação e desenvolvimento dos arranjos produtivos, e outras instituições, tais como as escolas de capacitação técnica, são de indiscutível importância para o êxito das empresas componentes do aglomerado no que se refere ao seu capital humano.

De acordo com Porter (1998, p.225),

Os aglomerados influenciam a competição de três maneiras amplas: primeiro, pelo aumento da produtividade das empresas ou setores componentes; segundo, pelo fortalecimento da capacidade de inovação e, em consequência, pela elevação da produtividade; terceiro, pelo estímulo à formação de novas empresas, que reforçam a inovação e ampliam o aglomerado.

Dessa forma, passa-se a dar uma atenção especial a cada uma das maneiras.

A produtividade é a bandeira primordial para o sucesso de um *cluster*, pois a localização de uma empresa no centro de um aglomerado favorece o acesso barato aos insumos especializados, sendo por sua conta, por exemplo, a alta qualidade apresentada, o custo mais baixo de mão-de-obra, da matéria-prima etc., gerando uma economia em escala. As empresas inseridas em um *cluster* tendem a deixar de lado a estratégia da integração vertical, para “delegar” tarefas às terceirizadas. Com isso, fatalmente, todas elas especializam seu parque produtivo e, conseqüentemente, conseguem produzir mais e barato, angariando, portanto, uma vantagem competitiva. Outro fator preponderante é o inerente à mão-de-obra especializada e barata, pois um aglomerado produtivo tende a atrair pessoas e, com isso, mais uma vantagem competitiva se instala. Costa (2004, p.6) afirma que, “Dentro do aglomerado, a divisão do trabalho entre as empresas permite que o processo produtivo ganhe flexibilidade e eficiência, já que as empresas são obrigadas a desenvolver competências específicas”.

Existe a necessidade latente de ter centros de treinamento e capacitação dessa mão-de-obra, papel este, geralmente, desempenhado pelo governo em parceria com a iniciativa privada, sobretudo nos países subdesenvolvidos.

A inovação também pode contribuir para o sucesso de novos lançamentos e adoção de tecnologias que incrementam a produtividade, pois é por meio delas que as empresas albergadas em arranjos produtivos logram melhorias no *modus operandi* de seus processos produtivos, promovem o desenvolvimento de seus produtos, além de elevar a produtividade empresarial. Conforme menciona Telles (2002, p.28), “Os estudos sobre o processo inovativo constataram que este, de fato, não ocorre através dos métodos formais de P&D, mas através das atividades de produção, consumo e principalmente da interação entre vários agentes”. No mesmo sentido, Porter (1998, p.234), afirma que, “Frequentemente, as empresas, dentro de um aglomerado, são capazes de perceber com maior clareza e rapidez as novas necessidades dos compradores[...]”, e complementa: “A participação nos aglomerados também oferece vantagens

na percepção de novas possibilidades tecnológicas, operacionais ou de distribuição”.

O estímulo à formação de novas empresas é outro ponto essencial para o sucesso dos arranjos produtivos. A instigação por parte das entidades governamentais mediante o fomento de empresas que desejam adentrar no arranjo produtivo, seja como “atores da mesma peça”, seja como fornecedoras de insumos, imprime importância robusta, pois é por meio da injeção de “sangue novo” na força produtiva é que o *cluster* garante seu sucesso por meio da predominância da vantagem competitiva. Além disso, as empresas, independentemente dos incentivos governamentais, buscam naturalmente os pólos industriais regionais por apresentarem várias vantagens.

Contudo, o desenvolvimento de um *cluster* depende muito da maturidade econômica e educacional da região na qual está inserido, pois, se estiver concentrado em uma região com alto índice de desenvolvimento econômico e educacional, a possibilidade de êxito será certamente alta, em contrapartida ao que ocorre com *clusters* ou com a formação de *clusters* em economias e áreas educacionais não muito desenvolvidas, conforme Porter (1998, p.245).

A partir do momento que o aglomerado começa a ganhar espaço e atuação, sua influência sobre as demais instituições, sejam elas públicas ou privadas, aumenta significativamente e, com isso, as políticas governamentais passam a ser enviesadas por essa institucionalização dos aglomerados. Dessa maneira, com efeito, todos os pontos não contributivos ao desenvolvimento dos arranjos produtivos são reprimidos à medida que o seu poderio de atuação se torna significativo.

Nesse instante que ocorre a definitiva institucionalização do aglomerado, é que ele começa a interferir eminentemente na geografia econômica da localização na qual está inserido.

Logo, todo o espaço geográfico tomado começa a ter repercussão nacional e mundial, trabalhando como uma orquestra produtiva, cujo propósito geográfico é o desenvolvimento.

Os aglomerados atraem pessoas com perfil empreendedor de vários pontos do país e do mundo. Esse perfil contribui para o desenvolvimento pleno daquela localidade, sem falar no



avanço tecnológico que isso proporciona. A forte rede de contato existente entre os atores favorece o desenvolvimento tecnológico mediante a antecipação de tendências. Com isso, a geração de emprego (como mão-de-obra especializada) e renda concretiza-se e, conseqüentemente, o enriquecimento regional se torna real, potencializando a probabilidade da geração de mais riquezas que, por sua vez, resultará em mais desenvolvimento.

As vendas em um *cluster* ocorrem quase naturalmente, tendo vista que os clientes se endereçam para lá, sabedores de que encontrarão um rol consideravelmente grande de variedades ofertadas. A ocorrência de uma constante rivalidade entre as empresas componentes desses aglomerados faz com que a competitividade floresça por meio da qualidade tanto no atendimento quanto no produto e, ainda, na busca contínua pela inovação. No entanto, se não forem asseguradas condições necessárias para o contínuo desenvolvimento e promoção dos arranjos produtivos, fatalmente a decadência baterá à sua porta, retraindo a tendência de crescimento econômico regional.

Para evitar o amargo de uma derrocada econômica dos aglomerados e, conseqüentemente, da região econômica na qual estão inseridos, faz-se necessário o desenvolvimento de estratégias eficazes de localização. Como salientam Meyer-Stamer (2001, p.10)

Os componentes essenciais de uma estratégia de localização são evidentes:

- Cursos de formação e atualização, ministrados em conjunto, para administradores, técnicos e operários;
- Criação de instituições para formação e treinamento nos níveis secundário e superior, bem como de cursos voltados para problemas e demandas de empresas locais; e
- Criação de instituições de tecnologia, responsáveis por testes de materiais de produtos finais e semi-acabados, bem como por certificações.

Parece oportuno ressaltar que talvez, mas não necessariamente, a observação severa desses

itens arrolados garanta integralmente o sucesso pleno e infinito de um aglomerado, pois cada caso é um caso e, portanto, merece um exame particular.

## 5 Os Arranjos Produtivos Locais (APLs)

Para que a acepção inerente aos arranjos produtivos locais seja mais condizente com os moldes brasileiros e, este artigo possa atingir seu objetivo de maneira mais efetiva, o conceito a ser utilizado será o do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC, 2004) em que, pelo Termo de Referência elaborado pelo Grupo de Trabalho Permanente para Arranjos Produtivos Locais (GTP APL), um APL tem a seguinte caracterização: a) ter um número significativo de empreendimentos no território e de indivíduos que atuam em torno de uma atividade produtiva predominante, e b) que compartilhem formas percebidas de cooperação e algum mecanismo de governança, podendo incluir pequenas, médias e grandes empresas. Na definição utilizada pelo Sebrae, os Arranjos Produtivos são aglomerações de empresas localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm algum vínculo de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com os outros atores locais, tais como governo, associações empresariais, instituições de crédito, de ensino e de pesquisa. Villaschi Filho e Pinto, apud Spínola (2002), chamam a atenção para a diferença entre arranjo produtivo local e *cluster*. Para os referidos autores, o arranjo produtivo busca caracterizar atores, não necessariamente empresariais e delimitados espacialmente. Para Spínola (2002), tanto o *cluster* quanto o arranjo dão significativa importância à capacitação social, em relação à educação disponível na comunidade, e à cooperação com centros de ensino. No arranjo, são valorizados os papéis desempenhados pelas instituições de coordenação, enquanto, no *cluster*, essa atividade não recebe a devida atenção, atendo-se à questão da aglomeração de empresas do mesmo setor de atividade no local.

As aglomerações de unidades produtivas de um mesmo setor da economia em uma delimitada

e definida parcela do território, podem ocorrer em razão de fatores naturais, econômicos e políticos, conforme salienta Spínola (2002). Desde que exista aglomerado, suas unidades produtivas passam a usufruir de economias externas, capazes de acelerar e promover o entrosamento de determinantes do desenvolvimento dos arranjos produtivos. Por mais aviltante que sejam as interações entre as empresas de determinado setor, em determinada região geográfica em que atuam, acabarão por interagir. Dessa interação resulta sempre algum grau de interdependência na tomada de decisão, especialmente em empresas que dão identidade ao arranjo, a sua rede de fornecedores e clientes. Desse modo, pode ocorrer que a atuação em conjunto dos setores público e privado acelere o processo de desenvolvimento dos arranjos produtivos. No Brasil, têm ocorrido algumas iniciativas para fomentar os arranjos produtivos locais. Há de se destacar as ações do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) e do Sebrae Nacional

## 6 Considerações Finais

Ao ser estabelecido o conceito de Arranjos Produtivos Locais, percebe-se sua importância para aceleração e fortalecimento do desenvolvimento de uma região, quando há diversas empresas, atuantes de um mesmo setor, concentradas em uma massa territorial reduzida e próximas uma das outras e, que por meio dessa proximidade possam descobrir a vantagem da atuação conjunta, em vez da pura e simples concorrência entre si. Podem aumentar e fortalecer significativamente a sua participação de mercado, além de abrir espaços para a exploração de outros mercados, chegando até a exportação de seus produtos e criando novas oportunidades de trabalho para os moradores de determinada região.

Quando são analisadas determinadas regiões, cidades ou mesorregiões do Brasil, pode-se detectar alguns setores da economia que têm mais probabilidades de se consolidar perante o mercado. Em razão de seu alto grau de especialidade pelo agrupamento natural de empresas daquele setor na região, planejado ou provocado por iniciati-

va das autoridades e instituições locais. Pode ocorrer também de a região ser propícia para determinado tipo de atividade, ganhando vantagem competitiva, como ocorre no pólo moveleiro de Arapongas, na indústria de confecções de bonés de Apucarana e de Cianorte, no pólo de produção de frutas, no Vale do Rio São Francisco, na Bahia e Pernambuco, entre outros.

Sem embargo, os Arranjos Produtivos Locais não devem ater-se apenas à atividade industrial, como ocorre em alguns APLs em que o Sebrae atua, que exploram atividades da agricultura, pecuária e turismo, e sim explorar o setor de serviços, além do Turismo e, setores como o de gastronomia, serviços médicos, realização de eventos e produção cultural. Esses setores poderiam ser explorados na própria cidade de Londrina e na cidade de Tabatinga, interior de São Paulo. O APL modifica constantemente a geografia econômica da região, promovendo seu desenvolvimento.

Existem muitas oportunidades que podem ser exploradas em diversos setores da economia. Às vezes, o processo se dá naturalmente por meio do espírito empreendedor de algum indivíduo, que abre uma empresa em determinado ramo de negócio que se torna um caso de sucesso. Ainda há muito espaço para atuação tanto de empresários quanto de pesquisadores sobre esse mesmo tema, sobretudo por meio da inovação e criatividade que podem ser proporcionadas pelos aglomerados de empresas.

### Local productive arrangements and their influences in regional economics development

The article possesses the mark of demonstrating the paper of the clusters in the regional economic development by the actors' cooperation in the productive chain. By this way was used a bibliographical review and descriptive-exploratory as methodology to realize this work. The article shows as it results the substitution of the companies agglomerateds formation in several region, do they belongs at the same business or of the existing companies suppliers, like a alternative way to search of the competitive advantage. That can be deserved yet like a new economic trend in Brazil and in the other world region, that

do the companies adopt a different way in front of the new challenges. By the way it's generator of a new economic geography of development, therefore to start from the moment that occurs this corporate cohesion, whose purpose is the seek of the competitive advantage, that can be used to put down the production costs, to promote the exportation and permit the technological innovations.

**Key words:** Cluster. Local productive arrangements. Regional economy.

## Referências

- CLEMENTE, A. *Economia regional e urbana*. São Paulo: Editora Atlas, 1994.
- COSTA, E. J. M. *Características estruturais das aglomerações produtivas periféricas*. Encontro Nacional de Economia Política, 9, Uberlândia – MG, 2004.
- MDIC, *Arranjos Produtivos Locais*, MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR, Secretaria do Desenvolvimento da Produção (SDP). Disponível em <[www.desenvolvimento.gov.br](http://www.desenvolvimento.gov.br)> . Acesso em 21/12/2004.
- PORTER, M. E. *Competição – On Competition – Estratégias Competitivas Essenciais*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998.
- RICHARDSON, H. W. *Economia regional: teoria da localização, estrutura urbana e crescimento regional*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1975.
- SEBRAE. *Arranjos Produtivos Locais*, SEBRAE. Disponível em [www.sebrae.com.br](http://www.sebrae.com.br). Acesso em 27/12/2004.
- SPÍNOLA, V. *Potencial exportador e política pública para uma evolução virtuosa: a indústria de rochas ornamentais da Bahia*. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- STAMER, J. M. *Estratégia de desenvolvimento local e regional: cluster, política de localização e competitividade sistêmica*. Policy Paper, 2001. Disponível em: <<http://www.fes.org.br>>. Acesso em 27/01/2004.
- TELLES, L. O. *Clusters e a indústria ligada à saúde em Ribeirão Preto*. FEA/USP, São Paulo, 2002.

Recebido em: 7 mar. 2008 / aprovado em: 19 jun. 2008

### Para referenciar este texto

PESSOA, D. A. M. et al. Arranjos produtivos locais e suas influências no desenvolvimento da economia regional. *Revista Gerenciais*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 13-20, 2008.